

VIDEODANÇA EM PAUTA: EXERCÍCIO DE REGISTRO E REVISÃO DE ENTREVISTA (IN)FORMAL COM O ARTISTA-DOCENTE-PESQUISADOR DEMIAN ALBUQUERQUE GARCIA

Daniele Sena Durães ¹

APRESENTAÇÃO

O presente texto constitui-se em uma singela e honesta tentativa de resgatar um momento crucial em minha trajetória inicial como pesquisadora e artista das artes do vídeo. Trata-se então, de uma tentativa de rever/reter – sem alterar o conteúdo e a fala simbólica de um artista-pesquisador-docente e que viria posteriormente a se tornar o meu coorientador de projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em minha graduação no Bacharelado em Dança da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) - *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP), sob orientação da Professora Doutora Cristiane Wosniak –, o conteúdo de uma Entrevista realizada com Demian Albuquerque Garcia, no ano de 2014.

A entrevista aqui revisitada foi um exercício proposto na disciplina optativa de Dança e Tecnologia do curso de Bacharelado em Dança ministrada pela professora Doutora Cristiane Wosniak quando a temática abordada em aula era videodança. Para tal, foi lançada a proposição da referida professora de entrevistar um(a) artista que estivesse trabalhando com videodança naquele momento a partir de nossas curiosidades a respeito da linguagem ou de processos criativos. Tendo videodança em mente, fui ao encontro do professor Demian Garcia que, naquele período, integrava o *Coletivo Na Janela*, espécie de grupo propositor da *Mostra Janelas Abertas*² alguns meses antes naquele mesmo ano, onde tive a videodança *Envelhecer*³ selecionada, sendo esse meu primeiro contato com um festival dedicado à videodança.

O reencontro com esse material se dá no momento em que ingresso no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Unespar/FAP, em 2021, justamente para aperfeiçoar meus estudos na área das artes do vídeo, sobretudo no campo da videodança.

Tenho consciência de que outras questões poderiam ter sido formuladas e a condução da referida Entrevista poderia ter tomado rumos mais aprofundados, mas meu desejo nessa publicação é a manutenção dos dados coletados na ocasião; a preservação dos modos de operar com a pergunta, com o tempo disponível para o exercício da interlocução, assim como a atuação do artista como coordenador de um vigoroso projeto de extensão existente na época – *Laboratório de Videodança*

1 Bacharel em Dança pela Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Mestranda em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) – Unespar/FAP, vinculada à linha de pesquisa 2: Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo. Membro do GP CineCriare – Cinema: criação e reflexão (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq). Membro do GPAD - Grupo de Estudos em Audiovisualidades da Dança (UFMS/CNPq). E-mail: duraes.daniele@gmail.com

2 Mostra de videodança realizada pelo *Coletivo na Janela* no ano de 2014 em Curitiba – PR.

3 Videodança criado pela autora e disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BA4YOlir-KQ>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

(2011) – com encontros teóricos e práticos e que ocorriam, semanalmente, nas dependências do *campus* de Curitiba II. Destaco que, mesmo eu não fazendo parte oficialmente do grupo, estava ativamente participando de suas proposições abertas ao público bem como tendo contato com os trabalhos dos alunos e alunas no cotidiano estudantil e também em disciplinas da graduação, onde eventualmente eram abordados levantamentos a respeito das práticas criativas em videodança, o que já vinha aos poucos me despertando um certo interesse por essa linguagem.

É nesse contexto de uma vontade imensa de me aproximar e aprofundar questões relacionadas à videodança que essa entrevista foi realizada, no mês de agosto de 2014, de modo presencial e informal, gravada e aqui transcrita. A entrevista surge então, não apenas como um protocolo de aprovação na já mencionada disciplina, mas como uma possibilidade de trocas e ampliação da rede de diálogos que estava me aproximando naquele momento e que hoje podemos identificar algumas pistas sobre a prática de videodança em Curitiba, bem como pensamentos a respeito de processos criativos em grupo. E por que me reportar, naquela ocasião ao Demian? Acredito que suas credenciais respondem à questão.

Demian Albuquerque Garcia, atualmente, é doutorando em Cinema na Universidade de Picardia - Jules Verne, com o tema: *A construção do medo através do som no cinema de fantasma*. É docente da Unespar/FAP atuando em disciplinas como: Som e Música para Cinema, Cinema Japonês e História do Cinema. É compositor musical para Cinema, Teatro e Dança assim como editor de som e *sound designer*. É bacharel em Artes Cênicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR, 1994) e mestre em Cinema e Audiovisual (Université de Paris III / Sorbonne-Nouvelle, 2009). É membro do Grupo de Pesquisa LISIM - Laboratório de Investigação de Sons e Imagens (UFPE/CNPq) e do laboratório de pesquisa CRAE - Centre de Recherche en Arts et Esthétique. Atua no mercado cinematográfico e teatral brasileiro e francês na área com Criação Sonora, Composição Musical e Edição e Mixagem de Som.

Saliento, antes de adentrar na entrevista, que este texto de Entrevista não se encontra imbricado nos dados concretos de suas credenciais curriculares. É na fresta, na brecha e no interstício dos interesses localizados no tempo e no espaço – 2011 a 2014 – em que o artista se encontrava motivado com a hibridação da linguagem videodança, que o presente texto encontra um eco contextual.

Diante do exposto, apresento o esboço de um pensamento e de um encontro entre dois artistas interessados, naquele momento, no pensar e fazer videodança, sem reservas e sem rótulos.

E como esclarecimento, destaco também que a partir do *Laboratório de Videodança*, surge em Curitiba um grupo de videoartistas experimentais denominado *Coletivo na Janela*:

O coletivo Na Janela foi criado em 2013 a partir do núcleo de criação e produção em videodança e do laboratório de videodança, realizado em 2012 e 2013 junto a Faculdade de Artes do Paraná. Somos um grupo heterogêneo: artistas, alunos e professores. Somos da dança, do cinema, das artes visuais, das artes cênicas. Viemos de todos os cantos, de todas

as formações, mas com algumas coisas importantes em comuns. O que nos motiva? Somos loucos pela produção da imagem e do movimento e suas relações com a tecnologia! E o que fazemos com tudo isso? Nosso maior foco é a videodança, mas a partir da pesquisa e criação em videodança, atuamos em diversos âmbitos artísticos.⁴

Cabe destacar que o texto da entrevista ora publicado teve a sua versão ‘atualizada’, revisada e autorizada pelo entrevistado. Segue a entrevista, portanto:

Daniele Sena Durães: você poderia mencionar como se deu/iniciou o seu envolvimento com a videodança? Quais eram suas primeiras questões e vontades criativas com essa linguagem híbrida entre o Cinema e a Dança?

Demian Albuquerque Garcia: eu comecei assistindo muitas videodanças, principalmente quando eu morava em Paris e isso me aproximou muito desta linguagem específica, porque meu envolvimento com a dança começou muito antes. Trabalhei muito com a arte da dança em função da minha história com a música, e como estava trabalhando com cinema já nesse momento eu via muita videodança, de todos os tipos e isso me deu muita vontade de entender mais e me aproximar mais dessa área. Juntar e misturar linguagens diferentes sempre me interessou. Como eu era da área da Música e comecei a trabalhar com Dança, eu comecei a fazer dança, comecei a trazer coisas da dança pra música e coisas da música pra dança e como eu estava trabalhando com cinema, foi uma coisa que me interessou também. Minhas questões eram vinculadas à técnica, à linguagem mesmo: como trabalhar as duas coisas em conjunto sem separar as áreas e suas especificidades? O que se ganha e o que se perde? Ouve-se falar muito de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade: o interdisciplinar para mim parece que são várias áreas e o transdisciplinar parece que você atravessa as linguagens, coloca as linguagens em diálogo sem que uma seja predominante em relação à outra, mas que se misturem, se mesquem, transformando-se em uma terceira coisa. Neste caso, nem dança e nem vídeo, mas videodança – um produto híbrido. Quando eu penso nisso, eu percebo que nunca me interessou filmar a dança para uma câmera passiva, assim, simplesmente como um registro documental. O que me interessa, ou seja, minha questão mesmo, é justamente como aproximar as duas linguagens, como fazer com que o movimento, o corpo trabalhe com a câmera e a edição e vice-versa.

Daniele Sena Durães: você considera que o entendimento e o uso das tecnologias de audiovisual, sempre em transformação, interferem ou interferiram em seus processos criativos em videodança?

Demian Albuquerque Garcia: pensando na linguagem da dança, em primeiro lugar, eu acho que esses aparatos, esses dispositivos mudam o entendimento de corpo. Porque se eu tenho uma dança elaborada para ser performada em um palco italiano, por exemplo, geralmente eu tenho

4 Dados obtidos na Plataforma de Mapeamento de Coletivos de Pesquisa e Produção em Dança no Brasil. Para maiores informações, consultar: <<http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br/resultados-esperados/grupos-companhias-e-coletivos-curitiba/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

uma 'frente', se eu tenho um palco no formato arena eu tenho várias possibilidades de frentes. A partir do momento que eu tenho uma câmera que se aproxima como corpo que se move, se afasta, que as vezes está em mim, está em minha mão, talvez acoplada em meu corpo, por exemplo, essa relação – câmera e corpo – muda completamente, tanto no meu corpo, quanto no que eu estou fazendo em termos de movimento para acompanhar esta trajetória corporal dançante. Essa câmera pode estar filmando simplesmente a minha mão, o meu joelho ou outra parte qualquer do corpo... Essa relação fará com que meu corpo se transforme em função disso, o que é diferente de você filmar um espetáculo de dança com uma câmera fixa na plateia. A partir do momento em que quem está com a câmera começa a entender que aquilo é um corpo que se move e não precisa ficar simplesmente parado, que se pode 'jogar/conversar esteticamente' com ele pode interferir na maneira de filmar. Quando este olhar comprometido com o movimento do corpo perceber que aquela mão do performer está fazendo aquele movimento que tem uma pulsação, um ritmo e que pode entrar nesse ritmo, tudo muda, tudo flui diferente. Essa relação entre câmera e corpo e vice-versa não é obrigatória, obviamente, mas acredito que pode fazer com que ambos, corpo e câmera se transformem mutuamente na relação aberta e compactuada.

Daniele Sena Durães: *O Coletivo na Janela* vem ganhando maior visibilidade dentro do cenário regional de videodança. Como foi que esse grupo experimental começou a se reunir para pensar/praticar videodança? E quais eram seus interesses iniciais?

Demian Albuquerque Garcia: *O Coletivo na Janela* iniciou juntamente com o projeto extensionista *Laboratório de Videodança* e este, por sua vez, teve início com a minha vinda pra cá, em 2011. Quando estive lá na França, em Paris, eu vi uma exposição que se chamava "*Danser sa vie*" [trad. Dançar sua vida] que foi uma exposição sobre dança; tinha muita videodança naquele espaço e eu pensei que precisava realmente fazer isso. Como estava lecionando no curso de Bacharelado em Cinema e a instituição também possuía a graduação – Bacharelado e Licenciatura em Dança – pensei que precisava aproveitar este espaço e unir artistas pra pensar videodança. Neste momento eu me aproximei da Bruna Spoladore e fiz a proposta pra ela, de formar um laboratório, não para produzir em série, mas para pensar, para experimentar, fazer experiências e ver o que aconteceria. Pensar o processo de criação, sabe? Esse grupo surgiu assim, a partir desta ideia de pesquisa em processo. Eu trazia o que eu sabia, o que eu entendia, o que eu conhecia, o que eu pesquisava, o que eu via por aí. A Bruna fazia a mesma coisa. A gente passou o primeiro ano do projeto extensionista experimentando muito, tentando descobrir coisas com todo mundo junto. No segundo ano a gente resolveu continuar as reuniões e as pesquisas, mas resolvemos mudar a denominação de 'Laboratório' para 'Núcleo de Criação e Produção', pois a partir de um certo tempo de estudos e experiências já estávamos motivados a trabalhar essa experiência anterior e começar a produzir. *O Laboratório de Videodança* continuou com um outro grupo, um grupo de inscitos iniciantes. E aqueles integrantes que já haviam passado um ano juntos, pesquisando, estudando, experimentando, começaram a produzir material audiovisual e a gente começou a falar sobre formar um coletivo, tentar fazer uma coisa maior e essa

ideia foi se consolidando, com nome, logomarca, com tudo. O ano de 2014 é o terceiro ano desse grupo junto, a gente se consolidou com uma proposta específica, com a *'Mostra Janelas Abertas'*, com laboratórios abertos, entre outras iniciativas de partilha de ideias. A ideia, aliás, sempre foi essa, pesquisar, experimentar, sem se preocupar com o que vai dar lá no final. A partir disso começamos a nos preocupar um pouquinho com o que vai dar e continuamos experimentando sempre, mas a ideia desse coletivo é a pesquisa, a experiência, a prática e a investigação em videodança.

Daniele Sena Durães: qual seria a possível conexão existente entre o *Coletivo na Janela* e o *Acervo Mariposa* em São Paulo? Como se construiu essa parceria?

Demian Albuquerque Garcia: no primeiro ano do *Laboratório* tinha bastante coisa acontecendo, a gente trazia artistas, pesquisadores e docentes pra falar conosco, trocar ideias, experiências... A Cristiane Wosniak, por exemplo, veio falar sobre videodança; a Gisele Onuki veio falar sobre tecnologias... O projeto tentava sempre trazer convidados e estava acontecendo aquela *'Bienal da Dança'* em Curitiba. A Bruna me falou que a pesquisadora Nirvana Marinho estava aqui, e que iria encontrar com ela para conversar e disse que poderia dar um 'toque' pra ela, sobre o trabalho que vinha sendo realizado pelo *Laboratório*. Eu já conhecia o *Acervo Mariposa* pelo nome e por pesquisar na internet. A Nirvana topou vir na FAP em uma determinada data. Conversamos por duas horas, batendo papo sobre o que ela pensava de dança, sobre políticas culturais, sobre videodança, sobre o acervo e ela gostou muito do grupo, da proposta de pesquisar e questionar videodança e não apenas um grupo que iria produzir videodança. Ela curtiu essa perspectiva e a gente conversou muito sobre isso. Com isso 'pintou' (gíria) o contato. Ano passado pintou a ideia de fazer a *Mostra de Videodança* que começou pequenininha. Eu trabalho com um festival de documentário e no festival a gente tem um acervo próprio e na ocasião a gente pensou: "*a gente não tem um acervo, mas tem a Nirvana...*". A seguir, conversei com a Nirvana sobre o que ela achava disso e ela gostou da ideia, tanto que foi curadora da Mostra e falou que é legal que seria legal se gente continuasse junto pois tínhamos perdido um pouco o contato. A partir desse primeiro semestre e dessa Mostra, em reunião com ela e eu acho que está pra acontecer mais coisas, tanto com o *'Acervo'* quanto com a Nirvana.

Daniele Sena Durães: sobre os grupos e criadores de videodança de Curitiba, gostaria de saber, como você avalia o potencial criativo da cidade em relação ao cenário nacional de produção de videodança? Tem parâmetros para esta avaliação?

Demian Albuquerque Garcia: não posso dizer que conheço muito bem o cenário nacional. Eu conheço parcialmente o que foi inscrito na nossa mostra, o que eu vejo por aí em termos do *Festival Dança em Foco*, por exemplo, de alguns festivais, encontros e mostras, mas afirmar que eu conheço o panorama nacional de pesquisa, criação e produção de videodança está bem longe ainda, não posso dizer. Entretanto, percebo nitidamente que Curitiba tem um potencial muito grande, tem muita gente experimentando esta linguagem. A questão da tecnologia é forte aqui, mas eu moro aqui, então não posso fazer afirmações ou comparações com outros lugares. Claro, estou inserido em uma universidade, com cursos de graduação, sobretudo Cinema e Dança, onde tem pessoas que

trabalham com isso... Mas acredito que não se produz videodança somente aqui dentro da instituição, tem mais artistas buscando isso em espaços alternativos, públicos e privados. A Carmen Jorge, por exemplo, que fez trabalhos dedicados à relação entre Dança e Tecnologia e que são geniais. Por isso que eu falei antes, que você não é obrigado a fazer essas transformações. Tem gente que pensa uma coisa e junta com outra e cada um no seu lado faz coisas e tais coisas se tornam geniais. Então, eu acho que Curitiba tem um potencial muito grande; não sou capaz de comparar este contexto local com o Brasil, mas Curitiba é bem forte. Espero que nosso Coletivo, nossas mostras busquem mais isso, porque eu acho que falta falar mais de videodança. Falta falar mais, conversar mais, aparecer mais, falta visibilidade em termos de videodança no cenário artístico. É preciso mais...

“É preciso mais...”, afirma Demian Garcia ao término da entrevista e é nesse contexto de revisão do conteúdo da presente entrevista, após sete anos, que destaco elementos nela contidos que nos possibilitam, se olharmos atentamente, encontrar algumas pistas a respeito do cenário da videodança em Curitiba. Sempre foi de meu interesse ampliar essa rede de artistas e pesquisadores que vem ao longo do tempo se construindo no Brasil.

Percebo, a partir destas pistas aparentes nas respostas de Demian, chaves para dar continuidade às pesquisas sobre videodança, suas redes criativas, práticas pedagógicas e também a respeito do cenário da videodança curitibana. É preciso dialogar mais a respeito da videodança, essa é então, uma externalização de uma primeira, singela e importante tentativa.

Recebido em: 30/01/2021
Aceito em: 01/04/2021